

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

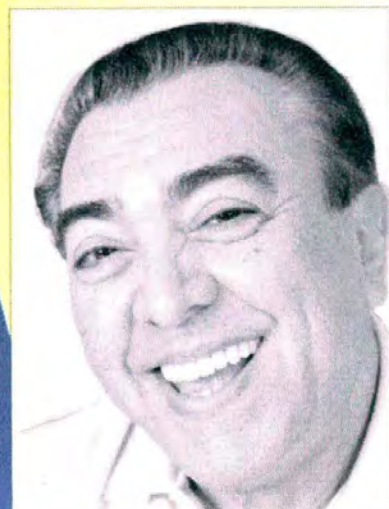
ANO IX Nº 111/116
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Impresso

444/2003/DR/BSB
CÂMARA
LEGISLATIVA

...CORREIOS...

**Maurício
de
Sousa**



**Gênio
da
história
em
quadrinhos**

Brasília

45 anos

**Patrimônio
da humanidade**



© MSP

7 perguntas

do Poeta Newton Rossi ao Escritor

Affonso Heliodoro

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal

“ Com dona
Júlia aprendi a
me comportar
na sociedade ”



1 Onde nasceu e como foi sua infância?

Nasci, mercê de Deus, em Diamantina – infância pobre, porém alegre, como toda infância na minha cidade. No dia em que completava sete anos de idade, perdi o pai. Mamãe ficou com sete filhos menores para criar e educar.

2 Aluno da Professora Júlia Kubitschek, mãe de Juscelino, com ela você deve ter aprendido muito mais do que somar e dividir. Qual foi sua maior lição?

O Grupo Escolar Mata Machado funcionava onde hoje é a sede da prefeitura da cidade. Com a mestra Júlia, além das primeiras e definitivas letras, aprendi muita coisa. Seu comportamento, suas palavras, seus conselhos, seu comando, sua orientação, seus ensinamentos iam muito além do currículo escolar daquela época. A gente saía da escola primária pronto para enfrentar os exames para o curso médio, o curso ginasial. Com dona Júlia aprendi a me comportar na sociedade. Era a educadora e a mãe, que se completavam na legendária Mestra Júlia.

3 A esperança de todo jovem diamantinense era estudar em Belo Horizonte... Como foi sua experiência ao ter de deixar as ruas de pedras, por onde a história passou, e onde os seresteiros acalentavam os sonhos de um povo romântico e otimista?

Não cheguei a ter esperança de estudar em Belo Horizonte. A morte de meu pai mudou os rumos de nossas vidas. Os irmãos mais velhos, Oswaldo e Lucina, alunos da Escola Normal de Diamantina, tiveram de deixar a escola. Bilé, o terceiro, afastou-se e foi trabalhar na Estrada de Ferro Central do Brasil, nas

Enorme saudade que tenho da convivência com Juscelino

imediações de Juiz de Fora, onde estavam assentando novos trilhos. Lucina, como toda moça pobre do interior, àquela época, casou-se muito cedo. Ficaram os quatro menores com mamãe. Vida do interior, brinquedos de crianças, criatividade extraordinária de Antônio, o mais velho dos quatro. Meninice saudável, alegre, despreocupada, sem os dramas, riscos, perigos e exemplos danosos à formação do caráter das crianças, como se verifica na sociedade atual. Deixei as ruas de pedras de Diamantina, seguindo com minha mãe para Pirapora, em busca da casa de minha avó Mundinha. Fui nadar no Rio São Francisco.

4 *Sua vocação foi inspirada no Mártir da Independência, Tiradentes, Patrono da valorosa Polícia Militar de Minas Gerais. Como foi sua carreira militar e quais as surpresas que ela lhe reservou?*

Determinei que faria minha carreira militar em 20 anos. À época, era considerado vaidoso e fora da realidade. Assumi comigo o compromisso de ser assim. Trabalhei, estudei, fiz todos os cursos e exames que me propiciassem realizar meu sonho. Não tirei férias, a não ser aquelas obrigatórias, em virtude dos cursos que fazia. Nunca baixei ao hospital. Estava sempre pronto para o serviço, como se dizia então. Passei por vários cargos, exerci várias funções, vi-me envolvido na política, dirigi entidades civis e, depois de tanto andar, de perflustrar caminhos agrestes, estradas nem sempre largas e ensombradas, depois de ter passado pelos palácios do poder, vejo-me louco de saudade e cheio de vontade de voltar ao meu primeiro lugar, aos braços de minha Polícia Militar de Minas



Gerais, de conviver com meus amigos e colegas, conviver com aqueles que, como eu, ainda resistem e com os que, novos, jovens, poderão dar-me a alegria de rever-me em sua juventude e em seu trabalho. Jovens que hoje ocupam os velhos lugares de seus antecessores, com mais brilhantismo, talvez, mas, estou certo, com o mesmo acendrado amor à velha Corporação, que é o retrato e a imagem de nossa Minas Gerais. Mas, voltar como, se hoje tenho aqui uma missão a cumprir, enquanto vida tiver?

5 *Amigo e escudeiro de Juscelino, o primeiro "bom-dia" e o último "boa-noite" eram seus, tanto no governo de Minas como na Presidência do Brasil. Como foi esse histórico convívio, onde ser fiel era a sua oração de cada dia?*

Ser fiel ao homem que deu nova face e novos rumos ao Brasil é, ainda hoje, e, sobretudo, o escopo e os objetivos que tracei para minha vida – depois do golpe terrível sofrido por meu amigo JK. O “bom dia” e o “boa noite”, como você ressaltava, estão marcados no meu sentimento, na minha memória e na enorme saudade que tenho da convivência com Juscelino por todos aqueles gloriosos anos de sua vida, quando deu ao Brasil o melhor de si, revelando ao mundo o grande povo e o grande país que se aloja aqui nesta tão sofrida América do Sul, vítima da ganância e da usura dos povos que se dizem de Primeiro Mundo. Talvez, esta revelação tenha sido uma das cruéis causas de sua cassação e de sua, – até hoje posta em dúvida – morte num fatídico desastre de automóvel na Via Dutra. Hoje, antes de dormir, fixo nele meu pensamento. Ao despertar, é sua imagem, seu exemplo que me vem à memória. Assim, meus dias serão sempre dedicados à evocação da grande figura humana e do homem público que foi Juscelino.

6 *Você foi um dos principais coordenadores e executores das "30 metas". Como surgiu a "meta-síntese" Brasília?*

Coordenador, talvez sim. Executivo, não. Como subchefe do Gabinete Civil da Presidência da República, tinha, em meu gabinete, além das atividades ligadas ao Ministério do Trabalho, Agricultura e Dasp, outras funções. Estas sim, muito ligadas ao exercício do controle pessoal do presidente, sobre suas metas e sobre os vários, diversos e diferentes inte-

resses dos estados junto à Presidência da República. Brasília, meta-síntese, já fazia parte das preocupações de JK, muito antes de ser candidato à Presidência da República. Como deputado federal na Constituinte em 46, ele e Israel já defendiam a mudança da capital do país para Minas Gerais, ou seja, para fora do litoral, de forma a propiciar facilidade à integração nacional. Como pré-candidato à Presidência da República, em viagem que percorreu todo o território nacional, esteve aqui em Goiás, permanecendo em Goiânia e Xavantina, onde procurou informar-se sobre vários assuntos referentes à localização da capital na região. A mudança da capital já era motivo de cogitação do candidato. Ademais, os estudos preliminares já estavam todos prontos e eram do conhecimento de quem, como ele, procurava entender os problemas que afligiam a nação e que seriam, certamente, cobrados de seu governo, caso fosse eleito. Ocorria, entretanto, àquela época, que o candidato não podia tratar e muito menos propor à nação o problema da mudança da capital. A UDN nacional, o Rio de Janeiro e São Paulo, adversários políticos, arrasariam sua candidatura no nascedouro. Basta-nos lembrar a luta que foi travada por adversários políticos, pela imprensa do Rio e de São Paulo, marcadamente "o Globo", "O Correio da Manhã", "O

“
Brasília,
meta-síntese,
já fazia
parte das
preocupações
de JK
”



Jornal do Brasil", "A Folha de São Paulo", "O Estadão", "O Diário de Notícias", contra a mudança. Mesmo depois de eleito, essa campanha continuaria. Comandadas pela UDN, essas poderosas forças arrasariam sua candidatura. Era preciso um clamor público. Alguém, que não fosse ele, teria de dar o sinal de partida. O povo deveria manifestar-se. E isto fazia parte da estratégia de candidato. Ele não poderia propor-se a realizar a mudança; embora a idéia tenha vindo dos tempos coloniais, atravessado o Império, a República, ninguém realizou a heróica façanha. Era preciso que o povo se manifestasse. Assim, a partir de lá, depois de histórico questionamento da mudança da capital, as manifestações favoráveis e as cobranças nos comícios explodiram por todo o país. Todos os encontros, em praça pública, ou não, da campanha, tinham agora um forte apelo à mudança. Era o que faltava. O projeto era nacional, vinha das massas. Não era um projeto do candidato. O candidato o recolhia das manifestações calorosas do povo

brasileiro. O candidato agora tinha liberdade de anunciar ao povo brasileiro a heróica e tão desejada mudança da capital do Rio de Janeiro para o interior do Brasil. Seria a conquista de imenso território vazio a reclamar da nação seu efetivo uso econômico. Sua definitiva ocupação. Os estudos realizados pela Missão Cruls, em 1892, e as tantas outras providências tomadas pelas Comissões dos generais Polli Coelho e José Pessoa, para a mudança da capital para o interior do país, teria agora seus resultados apreciados e realizados pelo candidato que se apresentava ao povo brasileiro, pela primeira e única vez na história de nosso Brasil, com um programa de governo colocado na realização de 30 metas, agora acrescido de sua meta-síntese: Brasília. Assim, nem Brasília, nem o Programa de Metas do governo JK foram improvisações ou jactância demagógica em busca de votos. As 30 metas mais Brasília e mais democracia

eram, de fato, uma inovação nos métodos de realização das campanhas políticas em nossa pátria. Inovações que morreram com seu idealizador, pois a partir de então, como antes, os candidatos não têm programas de governo, nem ao menos simples projetos mensuráveis e de fácil cobrança pelos eleitores. Volta a demagogia, a jactância, o palavreado bonito mas oco, a desmedida retórica. Belas frases, vãs promessas, engodo para o pobre povo que acredita: "Desta vez vai, vamos mudar este país". E a coisa continua como "dantes, no quartel de Abrantes."

Juscelino foi um gigante como o próprio Brasil, ao presidir-lo, tirando-o do atraso e do subdesenvolvimento, gerando empregos e otimismo, no ronco dos tratores que abriam estradas, açudes e usinas hidrelétricas, na indústria do vidro, na automobilística e em tantas outras, mas principalmente Brasília, e a esperança que infundiu no povo brasileiro, que, sorrindo, acordou o gigante, com desenvol-

Tivesse ele voltado à Presidência da República em 1965 e o Brasil seria outro hoje.

vimento de 50 anos em 5. Se vivo e eleito fosse, agora que Brasília se aproxima dos 50 anos, o inesquecível Juscelino faria, em 50, 500 anos de prosperidade?

Tenho certeza de que sim. Fez mais de 50 em 5. Seu slogan de campanha era "5 anos de agricultura para 50 de fartura". Faria mais de 500 em 50. Nem precisava tanto. Tivesse ele voltado à Presidência da República, em 1965, e o Brasil seria outro hoje. Se eleito em 1965 (em 1963 o Ibope lhe dava 60% de intenção de votos), JK teria proclamado, realmen-

te, a independência do Brasil. Já dispúnhamos de alentado parque industrial e teríamos, com as agrovilas de seu novo programa de governo, realizado o velho sonho de independência acalentado nos corações dos brasileiros há tantos anos. Seria a vez da agricultura. A enorme produção do campo, racionalizada, assistida e financiada pelo governo. O Brasil já produzia caminhões, jipes, colheitadeiras, máquinas agrícolas, armazéns frigoríficos, silos, armazéns, matadouros industriais. Dispondo de farta mão-de-obra no campo, enorme bacia hidrográfica – a segunda maior do mundo –, todos os climas da terra em seu território, possibilidade de quatro safras num só ano, o Brasil teria dado, realmente, o salto do subdesenvolvimento para o definitivo desenvolvimento econômico. Seria a independência sonhada e pretendida – sabe-se lá se de fato – por Dom Pedro I. Adeus, desemprego, adeus, subdesenvolvimento. A preocupação era disponibilizar ocupação e emprego para os jovens que a cada ano vinham em busca do mercado de trabalho. O homem do campo ficaria por lá, nas fazendas ligadas às agrovilas. Os que tivessem emigrado para as cidades, homens afeitos ao amor à terra, voltariam para suas cidades, onde teriam vida digna e o que vieram buscar nos grandes centros: trabalho, educação e saúde. Alonguei-me nas respostas. Mas, por mim, tudo o que disse devia ser dito e repetido para esse Brasil novo que há de surgir das mãos e das mentes dos jovens, esperança de todos nós, para recolocar o País na posição em que deve estar no concerto das nações.



C E N Á R I O

Numa pequena casa, no interior de São Paulo, os meninos acham-se reunidos com a tia e a avó. A mãe de Pedrinho, de sete anos, e de Zezinho, de oito anos, na cozinha, prepara o almoço. O pai saiu para dar uma volta de bicicleta. A manhã está ensolarada, radiante, nesse domingo morno, sem ninguém na rua. Quase todo mundo está nos clubes, ou então dormindo, aproveitando o domingo de Páscoa. Tia Júlia descansa na varanda. Mas, pode? Não pode! As crianças puxam-na para dentro da casa e...

Uma pequena história

de Brasília

– Tia, onde fica Brasília?
– Ué, Pedrinho, você não sabe? Com esta idade, já completando sete anos, você ignora que a capital do Brasil é Brasília?

– Pois é, tia Júlia. É por isso mesmo que estou perguntando. Você também não sabe?

(Gargalhadas)

– Que é isso, menino? Brasília é a capital do Brasil.

– E o que quer dizer *capital*? pergunta Zezinho, participando da conversa.

– Bem, a palavra *capital*, Zezinho, tem muitos significados. A palavra expressa um pensamento. Algumas palavras representam várias coisas.

– Ih! Não estou entendendo! exclama Pedrinho.

– Espere, Pedrinho, vou explicar direitinho.

– *Capital* pode significar principal, maiúsculo, isto é, letra grande, por exemplo. Também pode exprimir a idéia de cidade onde fica estabelecido o governo que dirige um estado ou um país.

– Só isso? surge Mariazinha, perguntando à sua mãe.

– Não, senhorita Mariazinha!

A senhorita resolveu vir se juntar a nós? Pensei que não tivesse interesse na conversa de gente grande!...

– Não, mamãe, eu já tenho nove anos e sou grande. E gosto de aprender. Posso ficar aqui?

– Claro, minha filha. Seus priminhos não se importarão, garantto!

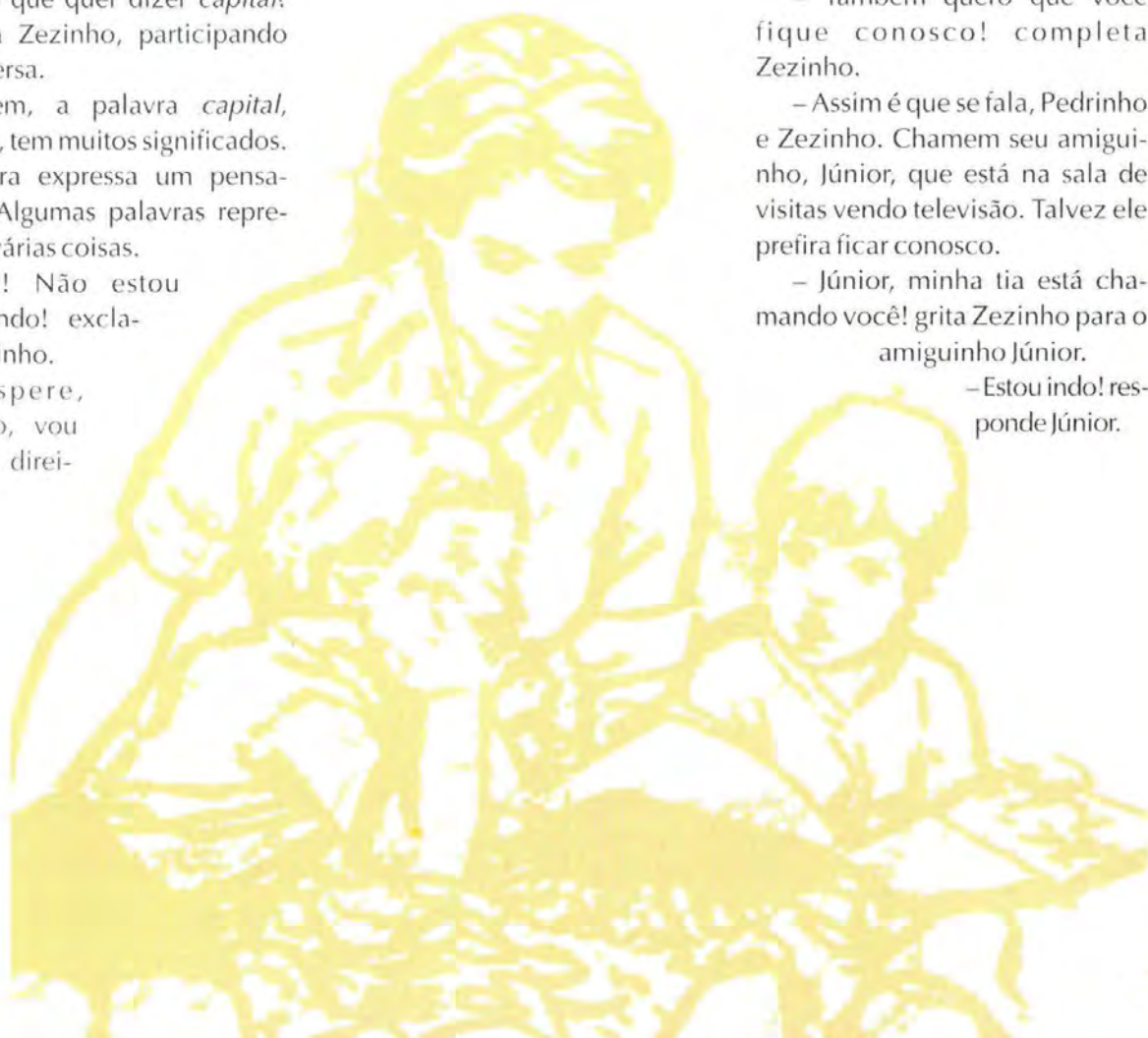
– Pode, sim! afirma Pedrinho.

– Também quero que você fique conosco! completa Zezinho.

– Assim é que se fala, Pedrinho e Zezinho. Chamem seu amiguinho, Júnior, que está na sala de visitas vendo televisão. Talvez ele prefira ficar conosco.

– Júnior, minha tia está chamando você! grita Zezinho para o amiguinho Júnior.

– Estou indo! responde Júnior.



– Muito bem. Vamos continuar a nossa conversa.

– Tia...

– O que é, Pedrinho?

– Você estava falando de Brasília, que é a capital do Brasil...

– Muito bem, Brasília é a capital do Brasil. Mas nem sempre a capital foi Brasília. Aliás, faz pouco tempo que passou a ser, já que ela foi fundada no dia 21 de abril de 1960.

– Puxa! Tão velha, assim?

– Velha, nada. Não faz muito tempo assim. Afinal, há cidades que têm mais de 3.000 anos. Por exemplo, Jerusalém. Roma tem mais de 2.000 anos. Paris já é bem velhinha, também. Quer saber uma cidade brasileira antiga, senhor Pedrinho?

– Quero, sim.

– Por exemplo, São Paulo: foi fundada em 1554.

– E existem outras?

– Claro, seu Pedrinho! Recife e Salvador são dessa época. O Rio de Janeiro, também. Há outras mais.

– É verdade, dona Júlia. Não sabia que Brasília era tão nova. Mas ela é mais velha que eu!

– Sim, senhor Júnior. Você tem dez anos, e ela, um pouco mais de 40, retruca a tia de Pedrinho, e continua:

– Falando em Salvador, essa foi a primeira capital do Brasil. É linda!

– E por que mudou?

– Zezinho, tudo muda. Depende de muitos fatores. De lá, de Salvador, mudou para o Rio de Janeiro. Nós estivemos no Rio de Janeiro, no casamento da tia Diva, há dois anos. Lembra-se?



– Lembro. Foi tão bom, que até gostaria de voltar...

– Então, o Rio foi capital até a inauguração de Brasília.

– E por que saiu de lá? pergunta Júnior.

– Júnior, o Brasil tem mais de 8.000.000 de quilômetros de área. É um país muito grande. Acho que parte da Europa cabe aqui. Vários países da Europa, como a França, a Bélgica, a Holanda, a Espanha, são menores que muitos estados brasileiros. Só alguns países do mundo são maiores, ou quase do tamanho do Brasil. Por exemplo, a China, a Índia, a Rússia, os Estados Unidos da América.

– E o que tem isso a ver?

– Tem, sim, Pedrinho. A maioria das cidades brasileiras ficava no litoral, à beira-mar. Era mais fácil. Os navios atracavam no litoral, e os portugueses, que vieram colonizar o Brasil, preferiam

assentar-se próximo ao mar, pois assim não tinham de andar muito – naquela época não havia carro, avião, trem, que permitisse o deslocamento por grandes distâncias.

– E tinha metrô?

– Você está me gozando, Júnior?! Claro que não havia metrô, pois ele é apenas um trem que trafega nas cidades. Daí era muito penoso, naquela época, ultrapassar certos limites.

– E ninguém ia para o interior?

– Ah, ia me esquecendo dos bandeirantes, os paulistas...

– Como nós?

– Você é pretensioso, seu Pedrinho. Mas é verdade. Eles eram paulistas, como nós, e formavam grupos que iam em busca

de índios, ouro, enfim, de riquezas, e construíam cidades por onde passavam. Assim, foram desbravando o país...

– Como assim?

– Mariazinha, eles paravam em muitos lugares, para descansar, pois viajavam a cavalo e às vezes até a pé. No entanto, o Brasil, como disse, é muito grande, do tamanho de um continente.

– E o que é continente?

– Continente, Zezinho, é uma grande massa de terras, cercada de oceanos, mares. O Brasil se situa no continente americano. Por ser muito grande, tinha de ser desbravado, porque os bandeirantes não atingiram todos os lugares.

– E o que mais?

– Zezinho, desde quando o Brasil ainda era colônia, isto é, estava dominado por Portugal, já se falava em mudar a capital para

o interior. Quem se lembra de José Bonifácio, o Patriarca da Independência?

— Eu!

— Pois é, Júnior, ele até bolou um nome para a capital: Brasília, ou Petrópolis. E muita gente também achava que a capital devia mudar-se para o interior, porque assim o Brasil se interiorizaria, isto é, poderia desenvolver-se.

— Puxa, mãe! exclama Mariazinha.

— Todo mundo falava que deviam fazer uma nova cidade, que seria a capital, mas ninguém se animava a dar início a esta construção.

— Por que não começaram a construir essa nova cidade?

— Bem, Júnior, a coisa é muito complicada. Não é fácil.

— Quem mandou construir Brasília?

— Foi um grande Presidente, Júnior. Chamava-se Juscelino Kubitschek. Ele nasceu em Minas Gerais, na cidade de Diamantina.

— Onde fica Diamantina, tia?

— Já disse, Pedrinho. Juscelino era mineiro. Esta cidade é muito famosa, por sua tradição, como muitas outras. Por exemplo, Congonhas do Campo, Tiradentes, Ouro Preto, Barbacena, etc.

— Puxa! E o que ele queria?

— Ele queria o progresso do Brasil. Achava, como muitas outras pessoas, que a capital tinha de mudar, e começou a obra. Não parou até o dia da inauguração. Foi uma festa e tanto. Só vendo! Tinha até vontade de estar lá, mas seu tio ficou doente e não deu para ir. Se pudesse, teria ido morar naquele mundo novo. Devia ser bonito ser pioneira, isto é, ajudar a povoar aquela cidade, naquele fim do mundo...



— Onde era esse fim do mundo?

— Bem, Mariazinha, fica num pedaço do Estado de Goiás, que se desmembrou e se transformou no Distrito Federal. Fica a cerca de 200 quilômetros de Goiânia, capital do Estado de Goiás. São Paulo fica a quase 1.000, e o Rio de Janeiro, a mais ou menos 1.100 quilômetros.

— É longe, mesmo. Tia, e como é a cidade, agora? pergunta Zezinho.

— É diferente de tudo que se conhece. As avenidas são largas. Tudo foi projetado. As quadras e superquadras são o exemplo de que o arquiteto Lúcio Costa, que morreu há pouco tempo, queria fazer algo diferente. Oscar Niemeyer, felizmente, ainda está vivo, em plena atividade. Conseguiu mostrar ao mundo o que pode o homem, quando quer inovar. Mas tinha de haver um líder, dotado de energia e determinação. Este era nada menos

que o presidente Juscelino. Como vocês vêem, o brasileiro fez, do nada, tudo. E Brasília comoveu o mundo todo. A ONU tombou a cidade, pela sua beleza, grandiosidade e valor histórico, como Patrimônio da Humanidade. Ninguém pode mexer nela.

— Tombou, como? Você quer dizer que caiu?

— Zezinho, tomar, aqui, quer dizer que a cidade deve ser preservada. Ninguém pode modificá-la.

— Eu gostaria de conhecer Brasília.

— Não se preocupe, Mariazinha. Um dia nós vamos conhecer. E levo seus primos e também o Júnior, se os pais dele deixarem.

— Agora, vamos almoçar. Parece que seu tio já chegou e sua tia está pedindo para todos lavarem as mãos, antes de se sentarem à mesa.

— Eu também?

— Por que não, seu Júnior? Afinal, você é o bom amiguinho de todos. Espero que seus pais não fiquem bravos.

— É só telefonar pra eles...

— É mesmo, havia-me esquecido disso. Você é muito vivo, não se perde!

— Pois é!...

— Mamãe, só isso? pergunta Mariazinha. Júlia, sua mãe, contente por ter atizado a curiosidade da meninada, responde alegremente:

— Já que vocês gostaram, domingo que vem contarei mais um pouco!

Assim, tia Júlia narrou um pouco da história de Brasília e lembrou-se daquela época em que quase foi parar naquele lugar inóspito, que se tornaria, em tão pouco tempo, a Princesa do Cerrado, que faria inveja a todo o mundo!